



ípsilon

MÚSICA
SLEAFORD MODS: A FRUSTRAÇÃO DELES É A NOSSA VOZ



CINEMA
DREAMOCRACY, UM DOCUMENTÁRIO PARA VOLTAR A PÔR TUDO EM CAUSA



PRÉMIOS 2014
JORNAL EUROPEU DO ANO
JORNAL MAIS BEM DESENHADO ESPANHA&PORTUGAL

Passos Coelho pede a eleitores que não deitem “tudo a perder” em 2015

Mensagem de Natal do primeiro-ministro aponta para as eleições do próximo ano. Passos Coelho alerta para as “escolhas a fazer” e considera “importante proteger o que já conseguimos” **Destaque, 2/3 e Editorial**

TSUNAMI
DEZ ANOS DEPOIS, O MUNDO
RECORDA O DIA EM QUE
O MAR ENGOLIU A TERRA
Mundo, 26



Nomes de vítimas no Memorial em Aceh, na Indonésia. Tsunami de 2004 fez 220 mil mortos em 14 países banhados pelo Índico

João diz que esperou 48h para ser operado por ser seropositivo

João conta que ouviu médico e enfermeiro dizerem que não operavam seropositivos. Queixa foi arquivada **p10**

Afinal, quantos pobres recebem 950 euros do Estado?

Ministro Mota Soares não diz quantos recebem o valor em subsídios que apontou **p4 a 6**



Tiago Monteiro pede 9,4 milhões ao Estado em tribunal

A empresa detida pelo ex-piloto de F1 diz que Governo de Sócrates não cumpriu acordos assumidos **p42/43**

Arquitectura e lamento

Debate Arquitectura
Paulo Martins Barata

Souto de Moura declarou recentemente numa entrevista dos prémios Enor que “a arquitectura, como disciplina, tem os seus dias contados” e que algo de novo virá. Algo diferente, “mas não a arquitectura tal como a conhecemos hoje”, porque a profissão, essa, é só “tristeza e lamento”. Esta nova escatologia inscreve-se num recorrente discurso de amargura, onde Souto, mas também Siza, já não vislumbram uma réstia de esperança para a profissão que não passe pela migração, no caso dos mais novos, ou a renúncia, no caso dos mais velhos.

É impossível não concordar com partes deste discurso e partilhar até alguns dos seus aspectos sentimentais. Porém, no essencial, penso que há falta de amplitude no campo de análise, e pelo contrário, parece-me que a arquitectura atravessa talvez um dos momentos mais ricos e fascinantes desde o *Esprit Nouveau*.

O fenómeno da globalização e da sociedade do conhecimento não trouxe apenas miséria e trabalho infantil; revelou arquitectos e regiões de onde nunca esperámos ver uma produção qualificada, revelou possibilidades tecnológicas e campos de linguagem de uma riqueza e diversidade inauditas. Criou também oportunidades de inesperada rebeldia e inconformidade com os contextos normativos. É certo que, como Souto de Moura refere, muitas revistas de arquitectura estão a fechar mas, na verdade, nunca o acesso à divulgação digital foi tão democrático, tão rápido, tão amplo. É certo também que neste universo há novos rituais de sedução construídos exclusivamente no prestígio da imagem e onde a experiência da arquitectura, outrora fenomenológica, bem como a palavra escrita, é substituída pelo nanossegundo em que o pixel se fixa na retina. Paradoxalmente, talvez nunca tenha havido tanto escrutínio informado, como demonstram, por exemplo, as violentas críticas ao estádio olímpico de Tóquio de Zaha Hadid ou à sede da fundação Louis Vuitton em Paris, de Frank Gehry, e que representa, em parte, uma certa reacção “99%” ao protagonismo a qualquer preço do *star system*, em nome de uma liberdade autoral e estatutária muitas vezes absurda.

Souto de Moura refere também que “... os arquitectos portugueses, se querem construir, têm de deixar Portugal”. Ora, se uma das prerrogativas da globalização é justamente a abertura de um imenso campo de oportunidades pela livre



“**O mundo continua a precisar de bons arquitectos e Portugal continua a ser um centro de excelência**”



espécie de internacionalização ideológica –, se pensarmos nos contextos de estrito mediatismo imobiliário para que são hoje convidados os *star-architects*. E nesse capítulo, apesar da excepção portuguesa, os Pritzker prosperam universalmente; nalguns casos até um pouco mais do que a disponibilidade do seu talento permite.

Não me parece, por isso, que este seja um momento de lamento, mas um

circulação de bens e serviços, a outra é a manifesta impossibilidade das economias desenvolvidas continuarem a garantir localmente essas mesmas condições. O fenómeno que permite a Siza construir na China ou a Souto de Moura fazer concursos para Abu Dhabi é, ainda que muito indirecta e inversamente, o mesmo que faz com que tenham pouco trabalho em Portugal. Longe vão os anos da “profissão poética” e do *bonjour tristesse* – uma

momento de reinvenção. Um momento doloroso, complexo e de fim de ciclo, mas também de redefinição de escalas e estratégias e que antecipa resultados auspiciosos. Manuel Mateus montou uma pequena rede de jovens ateliers com quem concorre com sucesso a concursos no mundo francófono; José Adrião parece ter sabiamente ajustado a sua escala de atelier a um tema que há muito persegue – a escassez –, com resultados notáveis na reabilitação; também em Lisboa, a meritocracia floresce com o pequeno atelier Barbas Lopes a ganhar o concurso de um grande edifício de escritórios em Picoas; Ricardo Camacho, que tinha o seu atelier no Algarve agonizante, envia-me imagens de um imenso parque equipado que tem em construção em Kuwait City, além de ser curador do país na anterior Bienal de Arquitectura de Veneza; a jovem dupla Barão-Hutter desfaz finalmente o feitiço dos portugueses não conseguirem ganhar concursos na suíça-alemã, fazendo-o aliás com obras de dimensão respeitável; Pedro Reis entrou no mercado unifamiliar de luxo com projectos na Alemanha, Nicarágua e Dubai; Camilo Cortesão estava recentemente a recuperar o *campus* desportivo de Le Corbusier no Iraque; e no campo do ensino, a Porto Academy posicionou-se como um *summer camp* de arquitectura epicurista sem paralelo. Enfim, haveria muitos mais exemplos a corroborar estas novas dinâmicas, mas quero aqui resistir a pintar um quadro de optimismo “panglossiano”.

Pior, nenhum destes exemplos é parte de uma grande marcha ou tendência de recuperação; são tudo situações relativamente instáveis e até bizarras no contexto da profissão. Porém, parece-me que a saída da crise na arquitectura portuguesa desta vez não será resultado de um grande mandato de António Costa nem de uma nova dose de encomenda pública, como clamam Siza e Souto de Moura. A recuperação será feita por uma pulverização de pequenas oportunidades na reabilitação e em novos negócios, pela criação de inteligência em áreas específicas exportáveis, pela pura obstinação de investimento em mercados difíceis, pela argúcia e sensibilidade na gestão de novos contextos e programas, pelos cruzamentos de experiências entre diferentes gerações de arquitectos expatriados, nalguns casos já líderes em ateliers internacionais.

Se nem Kierkegaard sobrevive de lamento, muito menos Siza e Souto de Moura. É por isso fundamental transmitir a todos os arquitectos uma palavra de esperança sobre o futuro de uma profissão para a qual as oportunidades não são tão evidentes como o terão sido no passado. Saindo da zona de conforto, as possibilidades são inúmeras e estimulantes porque o mundo continua a precisar de bons arquitectos e, não havendo um corte disciplinar e epistemológico, Portugal continua a ser um centro de excelência.

Arquitecto, sócio do atelier Promontorio